

Ruas de Camões, Liberdade e Bento Cardoso esquecidas pela Câmara?

Contra a passagem

“comércio de Guimarães” - 07 Mar 2007

de autocarros e pesados

Elsa Araújo
e.araujo@guimaraesdigital.com

Moradores e comerciantes das Ruas de Camões, da Liberdade e Bento Cardoso estão revoltados com o esquecimento de que têm sido alvo aquelas artérias por parte da Câmara de Guimarães. A falta de obras na zona é uma preocupação, mas a passagem de autocarros e pesados cuja trepidação danifica as habitações é o maior problema. Por isso, já foi entregue um abaixo-assinado na Autarquia onde é pedida a proibição de passagem destas viaturas naquelas artérias, à excepção da Bento Cardoso onde essa interdição já acontece.

Os moradores e comerciantes das Ruas de Camões, da Liberdade e Bento Cardoso estão indignados pela atitude de esquecimento por parte da Câmara Municipal de Guimarães para com aquelas artérias. Os problemas na zona são diversos, sem obras nunca à vista. Para os queixosos estão em causa ruas “tão antigas e valiosas como a zona do casco velho que foi reconhecido como Património da Humanidade”, porém, longe da mesma atenção da Autarquia.

António Lopes é morador da Rua de Camões há cerca de 20 anos e, curio-



samente, admite que “em tempos esta rua esteve melhor do que actualmente. Chegaram a ser efectuadas obras e alteraram os passeios, designadamente ao fundo da rua, porque como se pode verificar os passeios estão hoje irregulares e as ligações dos cauleiros estavam feitas ao saneamento. Actualmente, após as tais obras, os cauleiros estão a deitar a água para a rua”. Assim sendo, se chover, na parte esquerda para quem sobe a Rua de Camões, “não se pode circular. As pessoas têm que ir para o meio da via para não levarem com a água em cima. E se, por acaso, estiver a passar um autocarro nem tão pouco podem ter o guarda-chuva aberto porque não há espaço para isso”, conta.

Portanto, o problema maior que enfrentam aqueles moradores e comerciantes é “a passagem dos transportes públicos e viaturas pesadas que abala com as estruturas das casas. Caso queiramos fazer obras temos que respeitar a estrutura dos edifícios, que são de tabique e madeira e, conseqüentemente, material frágil. Portanto, só queria que algum res-

ponsável viesse aqui e permanecesse dentro de uma casa de manhã ou no silêncio da noite para verificar a trepidação que se sente quando passa uma viatura destas”.

Trepidação provoca estragos

A circulação de viaturas pesadas na Rua de Camões é motivo de “preocupação para os moradores e comerciantes até pela libertação de gases que se assiste à sua passagem”. Por outro lado, há o problema do estacionamento já que diariamente há carros “aqui estacionados desde manhã até à noite. Como não há parcómetros, as pessoas aproveitam para deixar o carro o dia todo, o que é normal, só que esta rua já é tão estreita que não dá para ter autocarros e pesados aqui a passar”. Sobre tudo, se não esquecermos que no meio disto tudo “há sempre infractores e pessoas que não sabem o que é o civismo e, como tal, resolvem estacionar em cima do passeio. Isto implica, além da trepidação, buzinas a qualquer hora do dia ou da noite, principalmente quando temos um autocarro para

passar e não pode. Isto acontece quase todos os dias, frequentemente mais que uma vez ao dia, e há alturas em que a polícia tem mesmo que intervir”, conta António Lopes.

Este morador da Rua de Camões lembra que a situação tende a piorar uma vez que “com o novo mercado, futuramente, haverá ainda mais tráfego. Portanto, é necessário tomar precauções. A Câmara tem que se lembrar que os moradores e comerciantes têm que ser respeitados”. António Lopes afirma mesmo ter feito obras em sua casa há cerca de cinco anos “e nesta altura as paredes já estão todas estaladas por causa desta trepidação. Os técnicos da Câmara, quando fazemos obras, aparecem cá para ver se estamos a respeitar as regras de construção na zona, com os materiais permitidos, caso contrário somos multados. Ou seja, temos de respeitar tudo e mais alguma coisa, mas nós não somos respeitados. Se temos que obedecer a normas na construção também têm que nos dar condições e qualidade de vida que, desta forma, não temos”, garante.

Abaixo-assinado para acabar com autocarros e pesados

Contas feitas, moradores e comerciantes pretendem que a Câmara de Guimarães dê mais atenção àquelas artérias da mesma maneira que faz com a zona do Centro Histórico. Por isso, foi entregue na Autarquia um abaixo-assinado, “cujas assinaturas foram conseguidas em menos de uma hora dada a revolta de todos”, com vista a que decisões se tomem definitivamente no sentido de se alcançar o bem estar dos moradores e comerciantes das Ruas de Camões, da Liberdade e Bento Cardoso, “mas também dos próprios transeuntes que no papel de peões não têm condições para circular”. A decisão de se fazer este abaixo-assinado surgiu no passado dia 12 de Fevereiro “quando três carros foram estacionados em cima do passeio. Foram três vezes a fazer aqui na rua um barulho ensurdecedor, sendo que a Polícia teve mesmo que ser chamada. Queremos dignidade para estas ruas e queremos, sobretudo, que o transporte público e os pesados deixem de circular aqui. Há outras formas de chegar à Cidade sem terem que passar por aqui porque não temos condições para isto”, frisa António Lopes.

Também José Fernandes, que trabalha num salão de cabeleireiro na Rua de Camões, se mostra descontente com a falta de interesse que a Câmara demonstra para com as referidas ruas. “Aqui não há qualidade nenhuma de vida e nem mesmo condições de trabalho. Os clientes queixam-se dos cauleiros que molham as pessoas por completo quando chove, os autocarros quando passam libertam gases que entram em qualquer estabelecimento e que incomodam muito, para não falar na trepidação que sentimos à sua passagem”. Este cabeleireiro vai mais longe e diz que “esta Câmara nunca quis saber desta rua e eu não queria acreditar que seja isso, mas não tenho grandes alternativas: será que este desprezo se deve ao facto da Junta de S. Sebastião não ser da mesma cor política da Câmara? Não quero acreditar que seja esta razão, seria lamentável, mas a verdade é que não se tem feito nada para dar outro aspecto, outra dignidade à rua”. Em relação ao seu negócio, “é lógico que os clientes que tenho são os de há muitos anos. Clientes novos dificilmente aparecem porque o que não faltam são salões instalados em locais mais cómodos, mais práticos e, sobretudo, em ruas onde as pessoas não têm que se encostar à parede para passar um autocarro”.

A resposta do Presidente da Câmara

Este problema foi abordado na última reunião da Assembleia Municipal pelo deputado Alberto Fernandes, do Bloco de Esquerda. À sua intervenção o Presidente da Câmara respondeu que “se eu quiser arranjar amanhã um abaixo-assinado com 500 assinaturas a contrariar aquele que o sr. Conhece, também arranjo. Nós não vamos em folclore, já temos alguma experiência disto. Vou lá e irei quantas vezes quiser e não fujo aos problemas”. António Magalhães informou ainda aquele Deputado que “já uma vez fui à Rua de Camões tentar ordenar aquilo e sabe o que é que aconteceu? As pessoas pediram-me para estar lá aquela bagunça. Diziam-me: ‘deixe ficar porque de outra maneira isto não funciona, assim é melhor. Em cima do passeio os carros não estão mal’”. E disse mais. “Nós sabemos que é muito difícil alterar a passagem do autocarro ali. Sabemos que há fragilidades nos prédios, não há dúvida nenhuma, mas o que está assente é que o dr. Costa e Silva, na qualidade de vereador do pelouro, vai ter uma conversa com as pessoas e vai-lhes explicar o que se passa e têm que perceber o que está em jogo”. E de acordo com o Edil vimaranense “o que está em jogo não é apenas o interesse de meia dúzia de pessoas, nem a vontade da Câmara. Está em jogo um conjunto de problemas que se põem ali porque a alternativa, de facto, é muito difícil de encontrar. Portanto, não venham com o abaixo-assinado porque eu arranjo mil assinaturas para o contrariar”, frisou.